

Pré-adolescência

de KA-AK-KIM



as obras distribuídas sob o selo de
CONTOABERTO.ORG estão protegidas sob
a licença Creative Commons BY-NC-ND 2.5

Pré-adolescência

(KA -AK-KIM)

Macaé, Praia do Pecado. A primeira vez que ela tocou em mim foi como se eu houvesse levado um grande choque. Lembro-me como se fosse hoje. Os pêlos imberbes do peito se eriçaram, as pernas bambas dentro da água, a água salgada turvando o céu azul, e eu, eu não sabia o que fazer.

Tinha ido dar um mergulho. Ela já estava na água fazia um tempão. Deve ter nascido na água. Uma sereia. Ainda não tinha reparado nela. Nem um tiquinho. Acho que foi a danada quem se aproximou primeiro. Coisa rara de se ver. Eu ainda estava meio atordoado com outro choque, o térmico. Estava pegando sol há uns quinhentos anos naquela faixa de areia cor de seixo. Lembro de ter visto uns dois ou três vendedores de camarão no espeto. Eu estava com a minha família. Meus pais, minha mãe, um amiguinho de escola que sempre andava conosco. Gente, eu era uma criança. Devia ter lá pelos doze, talvez onze anos. Como eu ia saber que aquele dia... aquele era o dia? Sei que eu levantei a bunda da areia, parecia um bife à milanesa. A praia estava meio cheia, também meio vazia. Por aqui, as pessoas não tinham o hábito de ir para a praia com guarda-sol, o que resultava em uma paisagem sóbria, só o colorido dos maiôs de banho e o embaçado do mormaço queimando o horizonte.

Sou míope desde os meus nove anos. Possivelmente desde antes, mas só descobrimos a minha cegueira nessa idade. A praia é uma espécie de martírio de Masoch para os que são míopes. Ou se tira os óculos para curtir a natureza e pegar um bronzado, ou se deixa lá aquela prótese, emoldurando os olhos e corrompendo a sua morenice com aquela máscara branca ao redor das pálpebras, de modos que o dilema fica entre enxergar bem e bronzear-se mal ou bronzear-se bem e enxergar patavinas. Eu invariavelmente preferia enxergar as coisas, mas cedia aos que me caçoavam pelo ridículo da cena. Usar óculos na praia é como atender ao celular no cinema: incomoda.

O limite da minha cegueira é a justificativa que dou para não a ter notado, tão linda, majestosa sob a água. Eu devia ser um pouco mais velho que ela, mas tão mais ingênuo e

inexperiente. Ainda acho que se eu a tivesse avistado antes de ela a mim, teria saído correndo. Eu era muito bobo naquela época. Um meninão.

Fui para a água avisando meus pais de que aquele era o meu último mergulho. “A saideira”, como os homens costumavam apelidar as últimas trinta garrafas de cerveja que pediam ao garçom do bar. Já tinha ido beber umas vezes com meu pai. Ele costumava me levar em um boteco fedido e peçonhento que havia perto do seu trabalho. Meu pai era porteiro de um edifício cheio de madames. As madames desciam com os seus poodles para passear na Praia dos Cavaleiros, que era o point chique no último do local. Nós não freqüentávamos muito o Cavaleiros. Morávamos em Imbetiba, numa casa que dava fundos para o cemitério. Lembro que as baratas que passeavam pelas tumbas de manhã, vinham pousar no meu pescoço à noite, e eu acordava cuspiendo pfff pfff para todos os lados. O amiguinho da escola, que andava sempre conosco, morava por ali perto. Não sei direito. Eu nunca fui à casa dele. Só ele à minha. Passávamos as tardes no quebra-mar de Imbetiba a contar quantas tartarugas punham a cabeça para fora d’água para respirar um tantinho daquele ar fresco, uma maresia bem mais saudável que as praias de cidade grande. Eu e meu amiguinho pulávamos da ponta do quebra-mar de cabeça e íamos nadando, com ou sem as tartarugas, até a bóia da Petrobras mais próxima. Ainda me orgulho disso. Nadava como um peixe. A travessia mais longa que eu podia imaginar.

Às vezes, meu pai saía do trabalho e ia nos buscar na praia. Saíamos de lá e passávamos numa sorveteria de uma comadre nossa, ou então íamos pro tal bar, pra chorar as mágoas dum dia ruim. Os meus dias quase nunca eram ruins, mas eu não tinha coragem de não acompanhar o sofrimento do meu pai, debruçado numa miniatura de copo com uma aguardente asfixiante. Eu bebia guaraná ou cerveja, quando muito. Mas não gostava daquela maldita cachaça. Meu amiguinho só ficava no guaraná.

Quando as coisas iam bem, meu pai tirava dez dias de férias, e nos levava até a Praia do Pecado. A Praia do Pecado ficava uns quinze minutos de carro de Imbetiba. Nós não tínhamos carro, íamos de bicicleta. Minha mãe e eu em uma, meu pai e meu amiguinho em outra. Aquela era a nossa viagem de férias. Um vai-e-vem Imbetiba-Praia do Pecado cada um dos dez dias de folga do meu pai. Acabava que aquelas férias o cansavam mais do que o stress do trabalho. Mas era um cansaço revigorante. Não tínhamos dinheiro para viajar. Até os vinte e cinco anos de idade eu nunca havia saído de Macaé. O nosso

programa era partir às cinco da manhã com todo o piquenique preparado. Uns sanduíches de salada de ovo maravilhosos que a minha mãe fazia. Depois, só voltávamos lá pelas sete da noite, para não pegarmos trânsito nem a estrada muito escura. A volta era o momento mais triste do dia.

A Praia do Pecado era um lugarzinho afastado, depois do Cavaleiros. Um bairro em que as ruas ainda eram de barro. Tinha uma vegetação rasteira e a areia fofa. Resumindo: uma faixa vermelha de terra, uma verde de mato, uma amarela de praia, e o azul do mar. Não sei porque diabos tinha esse nome, mas naquela época em que os hormônios floresciam com uma rapidez tamanha, ficávamos eu e meu amiguinho conjecturando que só havia uma explicação razoável: o afastado da praia. O deserto que ela ficava nos fins de tarde. Um lugar bom para namorar. Tinha tantas histórias de casais que haviam sido pegos fazendo amor no meio do mato, dentro da água, até na areia. A gente ficava imaginando como seria quando a gente crescesse. Onde dava para levar as nossas namoradinhas sossegado. Mas, naquela época, aquele início de puberdade ainda misturava as coisas na nossa cabeça. Ficávamos o dia inteiro pensando em beijar umas garotinhas da escola, e quando elas chamavam a gente para brincar ficávamos que menino não brinca com menina. Um contrasenso de infância. O fato é que a Praia do Pecado tinha aquela aura mística, aquela beleza sedutora, um convite à luxúria. Eu adorava ir para o Pecado.

E, todos os dias, pelo pôr-do-sol, meu pai e minha mãe se levantavam para ir arrumar as coisas no bagageiro das bicicletas, enquanto eu e meu amiguinho íamos para a saideira. As férias se resumiam naquelas longas dez saideiras. Mas, naquele dia, não sei porque cargas d'água, meu amiguinho não quis ficar, falou que ia tirar a areia com uma toalha. Talvez ele já a tivesse avistado, talvez ele quisesse me deixar mais à vontade, ou me ferrar. Acho que, no fundo, ele sabia que eu ia me borrar de medo, de vergonha, de dor, de entumescimento. Ele foi embora e me deixou lá, sozinho. Dane-se. Eu fui para a água. Feliz da vida.

Estava sem óculos, mas distingi uma meia dúzia de vultos ao meu redor. O suficiente para que eu ficasse mais tranqüilo. A Praia do Pecado às vezes caía numa ressaca violenta. Como o meu pai quando bebia.

Eu fiquei ali, limpando o short, puxando da cueca um enorme volume de areia para poder ir embora. Foi nessa posição meio ingrata, meio despudorada que, eu acho, ela

primeiro me avistou. E foi se aproximando como quem não quer nada. Eu não vi nada. Nada mesmo. Podia distinguir os borrões dos que me cercavam, mas não me lembro de tê-la visto. Eu queria fazer xixi, mas a água gelada segurou a minha vontade até a próxima onda. Só sei que quando finalmente a vi, não dava mais para sair correndo. Estava ela lá, pecaminosa, toda querendo, toda se chegando. Fez menção de que iria roubar um beijo, deu um passo na água adiante, eu recuei sem graça. Mas não teve jeito. Foi num arroubo. Num ímpeto só. Ela veio me puxando, me envolveu com os braços como se fossem uns tantos tentáculos e me abraçou. Meu peito ardia em chamas. O coração acelerado. Foi como se eu houvesse levado um grande choque. Depois ela saiu como se nada houvesse acontecido. Aquela água- viva filha da puta.